



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1081

## LIVING IN THE MATERIAL WORLD: MÚSICA E ESPIRITUALIDADE DE GEORGE HARRISON

Marcelo Henrique Violin

Universidade Estadual de Londrina

O tema do presente artigo é a relação do músico George Harrison com a milenar cultura espiritual da Índia: a cultura védica. Analisarei a letra da composição *Living In The Material World* de George Harrison em sua carreira solo após o fim dos Beatles. Na letra, identifico sua devoção por Krishna e a influência da filosofia do movimento Hare Krishna presente nos livros do mestre Prabhupada. A tradição Gaudiya-Vaishnava, conhecida popularmente como Movimento Hare Krishna, foi disseminada nos países ocidentais por A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, que foi aos Estados Unidos em 1965 com a missão de propagar o conhecimento védico e a tradição Vaishnava. O movimento Hare Krishna foi inaugurado por Caitanya Mahaprabhu, que espalhou o canto congregacional do mantra Hare Krishna por toda a Índia no século XVI e restabeleceu a sucessão discipular que se segue até os dias atuais. Prabhupada visitou os quatro continentes do globo, iniciou muitos discípulos, escreveu cerca de setenta obras de traduções e comentários da literatura védica e fundou a ISKCON, a Sociedade Internacional para Consciência de Krishna. George Harrison conheceu Prabhupada e foi instruído espiritualmente por ele, o que mudou profundamente sua jornada existencial. Na mídia em geral, enfatiza-se a relação do músico com o mestre Maharishi, entretanto, George Harrison teve uma estreita relação com Prabhupada, o que é evidenciado neste artigo.

Palavras-chave: Letra de música; História das religiões; História Cultural.

Financiamento: Capes

### Introdução/Justificativa

No presente artigo identifico na letra da música *Living In The Material World* de George Harrison<sup>1</sup> elementos da filosofia e da religiosidade védica, mais precisamente ideias do movimento Vaishnava, e também analiso e interpreto essa letra de música que expressa uma relação com o Vaishnavismo. Conhecido também

---

<sup>1</sup> George Harrison foi guitarrista dos Beatles e depois seguiu carreira solo tocando guitarra e cantando. George também compunha e atuou como produtor de cinema. Interessou-se pela cultura indiana e introduziu-a nas músicas dos Beatles, foi muito importante também na divulgação do movimento Hare Krishna no ocidente.

como movimento Hare Krishna ou consciência de Krishna, é considerado uma ramificação do hinduísmo, o qual engloba práticas religiosas diversas.

O movimento Hare Krishna está inserido dentro da tradição religiosa denominada Gaudya-Vaishnava de origem indiana. Ficou conhecido popularmente como Hare Krishna devido ao fato de os devotos estarem sempre cantando Hare Krishna. O movimento ficou conhecido mundialmente pela atuação de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, que primeiramente foi aos Estados Unidos em 1965 pregar a filosofia Vaishnava e a espalhou praticamente por todo o mundo.

Prabhupada utilizou o termo consciência de Krishna para caracterizar o processo de serviço devocional a Krishna, considerado como a Suprema Personalidade de Deus. Basicamente a ideia é que os seres vivos são almas espirituais eternas, partes integrantes de Krishna e que estão sofrendo no mundo material através do ciclo de nascimentos e mortes, reencarnando em diferentes corpos. A verdadeira felicidade então está no relacionamento pessoal eterno com Krishna. Esse relacionamento pode ser atingido por meio da consciência, do serviço devocional, na medida em que se adquire a capacidade de enxergar tudo como uma manifestação da energia de Krishna e de utilizar os sentidos para servi-lo com amor e devoção.

. O termo hinduísmo, que é usado para denominar a religião indiana moderna, é genérico e não era usado pelos indianos, além de não aparecer em nenhum dos Vedas, as escrituras sagradas das tradições abarcadas pelo hinduísmo. Aislee Embree diz que:

O cenário físico é a terra que, desde épocas passadas, o mundo ocidental conhece como sendo a Índia, uma palavra que os gregos tomaram emprestado dos persas, que, por causa da dificuldade que tinham com o “s” inicial, chamavam o grande rio Sindhu (moderno Indu) de “Hindu”. Foi com esta palavra que os estrangeiros passaram a designar a religião e a cultura dos povos que viviam na terra banhada pelos dois rios, o Indo e o Ganges, embora os próprios nativos não usassem o termo. (EMBREE, 1972, apud OLIVEIRA, 2009, p.01)

Max Weber relata que:

A palavra hinduísmo ou hindu é uma expressão que aparece pela primeira vez com a dominação islâmica ao referir-se aos nativos da Índia não convertidos. Os próprios indianos não hão começado a designar como hinduísmo sua afiliação religiosa até a literatura moderna. (WEBER, 1996, apud OLIVEIRA, 2009, p. 2)

Podemos concluir que o termo hinduísmo é criado para designar práticas religiosas diversas por indivíduos que possuíam cultura e religiosidade diferentes daqueles a quem se referiam como hindus. O termo hinduísmo ou hindu generaliza diferentes tradições religiosas e no início não era usado pelas pessoas tidas como hindus ou praticantes do hinduísmo.

Segundo Silveira (2003), no livro *The religion of India* Max Weber toca num ponto de extrema importância ao expor que no hinduísmo não há uma Religião nem uma Igreja no sentido cristão. As *sampradayas*, as correntes de sucessão discipular, são o que estaria mais próximo do que os ocidentais chamam “religião”, como comunidades de pessoas com aspirações comuns e que seguem os mesmos caminhos rumo ao sagrado.

Segundo Oliveira (2009), o Vaishnavismo moderno se autocaracteriza como “Gaudya”. Esse termo remete a região da Índia entre o lado sul das montanhas dos Himalaias e o lado norte das colinas Vindhya, faixa da Índia que divide-se em cinco partes ou províncias (Pañca- gaudadesa). Também há outros termos utilizados para se referir a um Vaishnava como Udiyã, em Orissa e Drãvida, como são conhecidos os devotos do sul da Índia. Os precursores do culto Vaishnava atual, que são aceitos pelos Gaudya-Vaishnavas, representam as quatro principais sampradayas e pregavam nessas províncias, são os mestres Ramanuja, Madhva, Vishnuswami e Nimbarka, filósofos que viveram no período da nossa época medieval. Segundo o Vaishnavismo moderno as sampradayas são de origem divina.

Enquanto integrante dos Beatles George era o mais espiritualizado. De acordo com Oliveira Dos Anjos (2007), era o que mais se interessava por religião, o “místico do grupo”, mas não se adequava à sua criação católica. No livro *THE BEATLES- Antologia* (2001) George diz que no seu bairro os padres coletavam dinheiro e erigiram uma enorme igreja com as doações. Considerava que havia muita hipocrisia, pois todos ficavam bêbados para depois irem à igreja recitar três salve-rainhas, um pai-nosso e deixar cinco centavos de esmola. Segundo Oliveira

Dos Anjos (2007), notava a falsidade e passou a evitar a igreja católica. Na percepção de George, as pessoas muitas vezes falam que são cristãs sem estar em harmonia com Cristo ou sem demonstrar essa harmonia através de seus atos, querem que você acredite nelas e não que tenha uma experiência direta com a religião.

No livro *Cante e Seja Feliz* (1983), baseado nos ensinamentos de Prabhupada, além da história do mantra Hare Krishna, há uma entrevista com George Harrison em que ele expressa sua relação com a consciência de Krishna, o canto do maha-mantra Hare Krishna, sua associação com Prabhupada e diversos assuntos relacionados à filosofia Hare Krishna.

Esta pesquisa encontra justificativa no que se refere à produção acadêmica sobre a filosofia indiana, que, por enquanto, não atingiu lugar de destaque nas universidades. O pensamento religioso indiano foi investigado pelo indólogo Heinrich Zimmer. Segundo Zimmer (1986), o principal objetivo do pensamento indiano não é descobrir e descrever o mundo visível, e sim desvendar e integrar na consciência o que as forças da vida rejeitaram e ocultaram. A suprema, e característica, proeza da mentalidade bramânica foi a descoberta do Eu (*atmam*). O atman é a entidade imperecível e independente, o principal sustentáculo da personalidade e da estrutura corporal e essa perspectiva é decisiva para o desenvolvimento da filosofia indiana e para a história de sua civilização. O Eu (*atmam*) é imutável para sempre, além do tempo, do espaço e da ofuscante malha da causalidade, além de qualquer medida e além do domínio da visão.

A filosofia indiana tem se aplicado, há centenas de anos, a conhecer esse Eu e tornar permanente seu conhecimento na vida humana. A suprema e contínua renovação de impertubabilidade que adentra as terríveis histórias do mundo oriental se deve a essa permanente inquietação. Através das variações da mutabilidade física permanece a base espiritual da paz beatífica de *atmam*: o ser eterno, atemporal e imperecível. (ZIMMER, 1986)

Os filósofos hindus, assim como os do ocidente, falam sobre valores éticos e critérios morais; também se preocupam com os traços visíveis da existência fenomênica, criticando os dados da experiência externa, chegando a conclusões

sobre os princípios que serviram de base. Desta forma, a Índia teve, e ainda tem, suas próprias disciplinas psicológicas, éticas, física e teoria metafísica. Diferente dos interesses dos modernos filósofos ocidentais, a preocupação essencial sempre foi a transformação e não a informação, uma mudança extrema da natureza humana e a partir disso uma renovação na compreensão da sua própria existência e do mundo exterior, transformação tão completa que ao atingir um bom resultado, leva a uma total conversão ou renascimento. Desse modo, a filosofia indiana tem vínculos mais estreitos com a religião do que o pensamento crítico e secularizado do ocidente moderno.

De acordo com Zimmer (1986), todo o curso do pensamento ocidental moderno foi determinado pelo progresso constante e inflexível de nossas ciências racionais e secularizadas, desde Francis Bacon, e o surgimento da nova ciência, até o presente. Contrariamente, a filosofia indiana permaneceu tradicional. Ajudada e renovada pelas vivências interiores da prática do Yoga, e não pelas experiências de laboratório, resguardou as crenças herdadas e as interpretou, sendo, por sua vez, interpretada e corrigida pela religião. A filosofia e a religião diferem em alguns pontos na Índia, mas nunca houve um ataque fatal por parte dos representantes do criticismo puro (como os filósofos racionalistas do ocidente) contra a fortaleza imemorial do sentimento religioso popular. As duas instituições fortalecem uma a outra, de modo que em cada uma delas poderíamos identificar características que na Europa atribuiríamos apenas à sua oposta.

### **Objetivos**

O objetivo principal deste artigo é compreender a influência do Movimento Vaishnava para a Consciência de Krishna na letra de música escolhida do músico George Harrison que alcançou repercussão mundial e entender a relação do músico com o movimento e com Prabhupada, além de entender o que é o movimento Hare Krishna.

### **Resultados**

Segundo Ginsburg (1998), se a documentação nos permite reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo

descartar estas últimas. Portanto, a análise e interpretação da letra de música de George Harrison possibilita uma reconstrução de sua visão de mundo e de sua relação com a filosofia Vaishnava.

A interpretação e análise das letras se darão a partir da perspectiva indiciária da história elaborada pelo historiador Carlo Ginzburg (1989), que enfatiza a característica artesanal do trabalho do historiador, que detém um saber erudito, especializado, domina uma técnica, investiga a realidade com método e busca a averiguação, além de criticar o paradigma positivista, baseado na oposição entre racionalismo e irracionalismo.

Sendo assim, a interpretação das letras de músicas se dará a partir de sinais e indícios da influência da filosofia e teologia Vaishnava presente nelas, a partir da teoria de Carlo Ginzburg, que ressalta:

Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que o conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la. (GINZBURG, 1989, p.177).

Outra questão importante levantada por Ginzburg (1989) acerca do paradigma indiciário é que nesse tipo de conhecimento deve-se considerar elementos como faro, golpe de vista e intuição.

Como já foi exposto, a composição de George a ser analisada e interpretada neste artigo é *Living In The Material World*, canção-título do álbum de 1973. Mukunda e George conversam sobre o álbum:

Mukunda: Quando você fez o álbum Material World, você usou uma foto interna tirada da capa do Bhagavad-Gita de Prabhupada, mostrando Krsna e Seu amigo e discípulo Arjuna. Por quê? George: Ah! Sim. No álbum se diz: "Foto tirada da capa do Bhagavad-gita Como Ele É de A. C. Bhaktivedanta Swami." Foi uma promoção para vocês, é claro. Eu quis dar a todos a oportunidade de ver Krsna, de conhecê-lo. Ou seja, esta é a ideia, não é? (PRABHUPADA, 1983, p.16)

Na sequência a letra da composição a ser interpretada:

### **Living in the material world**

I'm living in the material world  
Living in the material world  
can't say what I'm doing here  
But I hope to see much clearer  
after living in the material world

I got born into the material world  
Getting worn out in the material world  
Use my body like a car,  
Taking me both near and far  
Met my friends all in the material world

Met them all there in the material world  
John and Paul here in the material world  
Though we started out quite poor  
We got 'Richie' on a tour  
Got caught up in the material world

From the Spiritual Sky,  
Such sweet memories have I  
To the Spiritual Sky  
How I pray  
Yes I pray  
that I won't get lost  
or go astray

As I'm fated for the material world  
Get frustrated in the material world  
Senses never gratified  
Only swelling like a tide  
That could drown me in the  
material world

From the Spiritual Sky,  
Such sweet memories have I  
To the Spiritual Sky  
How I pray  
Yes I pray  
that I won't get lost  
or go astray

While I'm living in the material world  
Not much 'giving' in the material world  
Got a lot of work to do  
Try to get a message through  
And get back out of this material world

I'm living in the material world  
Living in the material world

I hope to get out of this place  
by the LORD SRI KRSNA'S GRACE  
My salvation from the material world  
Big Ending

### **Vivendo no mundo material**

Eu estou vivendo no mundo material  
Vivendo no mundo material

não posso dizer o que eu estou fazendo aqui  
Mas espero ver mais claramente,  
depois de viver no mundo material

Eu tenho nascido no mundo material  
Ficando desgastado no mundo material  
Usando meu corpo como um carro,  
Levando-me próximo e distante  
Conhecendo todos os meus amigos no mundo material

Conhecendo todos eles no mundo material  
John e Paul aqui no mundo material  
Embora nós começamos muito pobres  
Temos 'Richie' na turnê  
Fomos apanhados no mundo material

Do céu espiritual,  
Essas doces lembranças que eu tenho  
Para o Céu Espiritual  
Como eu oro  
Sim, eu oro  
que eu não vou ficar perdido  
ou extraviar

Como eu estou fadado para o mundo material  
Ficando frustrado no mundo material  
Sentidos nunca satisfeitos  
Somente oscilando como a maré  
Que poderia afogar-me no  
mundo material

Do céu espiritual,  
essas doces lembranças que eu tenho  
Para o Céu Espiritual  
Como eu oro  
Sim, eu oro  
que eu não vou ficar perdido  
ou extraviar

Enquanto eu estou vivendo no mundo material  
Não muito para "dar" no mundo material  
Tendo muito trabalho a fazer  
Tente passar uma mensagem  
E voltar para fora deste mundo material

Eu estou vivendo no mundo material  
Vivendo no mundo material  
Espero sair deste lugar  
pela graça do Senhor Sri Krsna  
Minha salvação para mundo material  
Grande final

Nessa canção a influência e a inspiração da consciência de Krishna é bastante perceptível. “Get frustrated in the material world Senses never gratified Only swelling like a tide That could drown me in the material world”, (ficando frustrado no mundo material, os sentidos nunca satisfeitos, somente oscilando como a maré, que poderia me afogar no mundo material). Prabhupada (2008), explica que a verdadeira felicidade está além das coisas temporárias, pois, apesar de vivermos tentando gratificar nossos sentidos eles nunca são satisfeitos, é como tentar apagar o fogo com gasolina. Neste verso Prabhupada (2009) diz que a identidade do ser vivo, que é eternamente parte integrante fragmentária do Senhor Supremo, é descrita com clareza: “As entidades vivas neste mundo condicionado são Minhas eternas partes fragmentárias. Por força da vida condicionada, elas empreendem árdua luta com os seis sentidos, entre os quais se inclui a mente”. (BHABAVAD-GITA 15.7)

De acordo com Prabhupada (2008), o Senhor Supremo, Krishna, é pleno de conhecimento, prazer e bem aventurança eternos; os seres vivos são almas espirituais individuais eternas, partes integrantes de Deus e também plenos de bem aventurança, conhecimento e prazer, porém em grau diminuto. Assim, segundo a tradição vaishnava, nossa posição é de servos de Deus e devemos empregar nossos sentidos para servir Krishna e satisfazer o Supremo em diferentes relações pessoais, pois só assim alcançaremos a verdadeira felicidade e a liberação.

Em outra parte de *Living In The Material World*, George diz: Eu tenho nascido no mundo material, ficando desgastado no mundo material, usando meu corpo como um carro... No final da canção George diz: “I hope to get out of this place/By the Lord Sri Krsna’s Grace/ My salvation from the material world” (espero sair deste lugar, pela graça do Senhor Sri Krishna, minha salvação para o mundo material). Prabhupada diz que todos nós somos almas espirituais individuais que possuem uma relação eterna com Deus, mas que de alguma maneira, caímos no mundo

material e agora estamos sob suas leis. Segundo o guru indiano, ficamos num ciclo de nascimentos e mortes devido às ações e às reações de nossas ações, o karma. Krishna revela que: “Assim como alguém veste roupas novas, abandonando as antigas, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis” (Bhagavad.Gita.2.22). Em outro verso explica:

Assim como a alma encarnada passa seguidamente, neste corpo, da infância à juventude e à velhice, da mesma maneira, a alma passa para um outro corpo após a morte. Uma pessoa sóbria não se confunde com tal mudança. (Bhagavad.Gita.2.13)

No verso 55 do capítulo 18 do Bhagavad-Gita, Krishna também explica que é possível quebrar o ciclo de nascimentos e mortes através da plena consciência de Deus e da devoção. No verso a seguir, Krishna ensina que “Aquele que conhece a natureza transcendental do Meu aparecimento e atividades, ao deixar o corpo não volta a nascer neste mundo material, mas alcança minha morada eterna, ó Arjuna. (B.G.4.9). Mais adiante diz: “Esta minha morada suprema não é iluminada pelo Sol ou pela Lua, nem pelo fogo ou pela eletricidade. Aqueles que a alcançam jamais retornam a este mundo material.” (B.G.15.6). Segundo a tradição Vaishnava, devemos então amar e servir a Deus com devoção, sermos conscientes dele para escaparmos do ciclo de nascimentos e mortes e acabarmos com todas as misérias da vida, pois no mundo material há miséria, doença, morte e velhice. A ideia é que teremos uma relação pessoal eterna com Deus no mundo espiritual, repleta de bem aventurança, conhecimento e prazeres eternos. No capítulo 15 do terceiro canto do Srimad Bhagavatam encontra-se uma descrição do mundo espiritual.

Sobre essa canção George comenta:

E se eu não recebia inspiração de Prabhupada em minhas canções sobre Krsna ou sobre a filosofia, eu a recebia dos devotos. Este era todo o encorajamento de que eu precisava. Qualquer coisa espiritual que eu fizesse, fosse através de canções, fosse ajudando na publicação de livros, ou o que fosse, parecia realmente satisfazê-lo. Minha canção “Living In The Material World”, conforme escrevi em *I, Me, Mine*, foi influenciada por Srila Prabhupada. Foi ele quem me explicou que não somos estes corpos físicos. Simplesmente aconteceu de estarmos neles. Como eu disse na canção, este lugar não é realmente aquilo que parece, não pertencemos a ele, mas sim ao céu espiritual (...). A única razão para estarmos aqui é encontrar o jeito de escapar. Assim era Prabhupada. Ela não falava apenas de amar a Krsna e sair deste lugar, mas também era o exemplo perfeito.

Ele falava sobre cantar sempre e vivia cantando. Creio que este próprio fato era a coisa mais encorajadora pra mim, pelo menos para fazer-me esforçar-me cada vez mais, ser um pouquinho melhor. Ele era o exemplo perfeito de tudo o que pregava. (PRABHUPADA, 1983, p.21-22)

George também se refere ao mundo espiritual quando diz: “From the Spiritual Sky, Such sweet memories have I To the Spiritual Sky How I pray Yes I pray that I won't get lost or go astray” ( Do céu espiritual, essas doces lembranças tenho eu, para o céu espiritual, como eu oro, sim eu oro, que eu não vou ficar perdido ou extraviar). O mundo espiritual é descrito no Srimad Bhagavatam e lá se diz que existem planetas espirituais, conhecidos como Vaikunthas, que são a morada da Suprema Personalidade de Deus. Segundo Prabhupada, os Vaikunthas são planetas espirituais que constituem manifestações da potencia interna do Senhor, e a proporção destes planetas para os planetas materiais (energia externa) é três para um (1986, p.20). Entre esses planetas está o planeta espiritual mais elevado, o planeta de Krsna, Krsnaloka ou Goloka Vrndavana. (PRABHUPADA, 2009)

### **Considerações finais**

O intuito do artigo foi o de analisar por intermédio de uma perspectiva específica a relação entre George Harrison com a cultura e religiosidade indiana que geralmente restringem-se ao contato entre os músicos e Ravi Shankar ou Maharish Mahesh Yogi. Foi evidenciado que a relação de George com o movimento Hare Krishna e com o mestre Prabhupada foi fundamental para a sua jornada existencial, sendo até mesmo mais significativa do que o próprio encontro com Maharish.

George teve grande participação na divulgação do movimento e do mantra Hare Krishna em todo o mundo; muitas de suas canções, como, por exemplo, *My Sweet Lord*, ficou no topo das paradas de sucesso musical por muito tempo. O disco dos devotos Hare Krishna produzido por ele também fez muito sucesso e se tornou bastante popular.

O primeiro single desse disco também fez parte das paradas britânicas e foi bastante tocado nas principais rádios da época. Além disso, George influenciou inúmeras pessoas ao redor do globo a partir de seu modo de vida e sua espiritualidade, sua humildade e compaixão. No texto que escreveu para o livro de

Prabhupada, Krishna, a Suprema Personalidade de Deus, ele enfatiza: “tudo o que você precisa é amor (Krishna)” (PRABHUPADA, 1977, p. 9).

### Referências

BHAGAVAD-GITA. Tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. ***Bhagavad-gita Como Ele é***. São Paulo BBT, 2009.

GINZBURG, Carlo. ***O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição***. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. ***Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História***. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

OLIVEIRA, Arilson. ***Max Weber e a Índia: o vaishnavismo e seu yoga social em formação***. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

OLIVEIRA DOS ANJOS, Francisco Flávio. ***The Beatles: Ensaio sobre a ética do amor***. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN: 2007.

PRABHUPADA. A. C. Bhaktivedanta Swami. ***Cante e Seja Feliz***. São Paulo: Editora B.B.T., 1983. Entrevista concedida a Mukunda Goswami.

\_\_\_\_\_. ***Krishna, o reservatório do prazer***. São Paulo: Editora BBT São Paulo: Editora B.B.T., 2008.

SILVEIRA, Marcos Silva da. *Max Weber e o Movimento Hare Krishna*. In: SIQUEIRA, D.; Lima, R. B. de. ***Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil***. Rio de Janeiro, 2003.

THE BEATLES. ***Antologia***. São Paulo. Editora Cosac & Naify, 2001

ZIMMER, H. ***Filosofias da Índia***. SP: Palas, 1986.